



PODER NACIONAL E ESTUDO CRÍTICO DA HISTÓRIA MILITAR

Cláudio Moreira Bento

No presente artigo-depoimento, elaborado por orientação de A Defesa Nacional, o autor focaliza aspectos relacionados com a importante dimensão da História Militar para o combatente terrestre.

Dimensão muito exaltada pelos grandes capitães da História da Humanidade, como decisiva ou importante para suas vitórias, a História Militar Crítica emana dos fundamentos da profissão do soldado e das experiências vividas no melhor laboratório de desenvolvimento de uma Doutrina Militar Terrestre — o Campo de Batalha.

Dentro do espírito da Portaria 73-EME de 20 out 82, que orienta as atividades do Exército no Campo da História, para os objetivos de desenvolvimento da Doutrina e formação de seus combatentes — o autor enfatiza a importância da análise crítica da História Militar Terrestre Brasileira, rica de quase cinco séculos de lutas internas e externas predominantemente vitoriosas, com o objetivo de subsidiar o desenvolvimento da Doutrina do Exército, com progressivos índices de nacionalização. É uma análise crítica com reflexos muito positivos no fortalecimento do Poder Nacional.

*A Comissão de Pesquisa Histórica Básica de
A Defesa Nacional*

No ano de 1978 fomos honrados com a nomeação para as funções de instrutor de História Militar das Agulhas Negras. No sentido de dar o melhor de nós aos nossos instruendos e ao Exército, elaboramos, como estudo e preparação para as novas funções, um ensaio sob o título — “Como Estudar e Pesquisar a His-

tória do Exército Brasileiro”. Nosso objetivo central foi o de procurar ajudar a transformar os quase cinco séculos da História Militar Terrestre do Brasil em instrumento auxiliar de construção da Doutrina do Exército do futuro, à altura de seu destino de grande potência e de grande nação.

HISTÓRIA MILITAR E NACIONALIZAÇÃO PROGRESSIVA DA DOCTRINA MILITAR

Até então já estávamos convenidos de que a configuração, definição e manutenção do Brasil com suas dimensões continentais não haviam sido obra do acaso ou do milagre. E, mais, que para isto havia concorrido de forma acentuada o fator militar, traduzido por quase cinco séculos de experiências, em lutas internas e externas, predominantemente vitoriosas e, portanto, ricas em soluções táticas, estratégicas e logísticas. Tais soluções são passíveis de isolamento pela crítica histórica militar, para incorporação numa doutrina militar terrestre brasileira, com índices progressivos de nacionalização e condicionada por um fator da decisão militar — o terreno brasileiro, quase que imutável em seus condicionamentos topotáticos e topoestratégicos. E condicionada também por outro elemento fundamental do fator militar brasileiro e o mais importante e característico — o homem brasileiro.

HISTÓRIA MILITAR E OS GRANDES CAPITÃES DA HISTÓRIA

Sonhávamos igualmente, do ponto de vista de profissional das armas ainda no serviço ativo, que a semelhança das lições da História Militar aprendidas, aplicadas e exaltadas pelos grandes capitães da História da Humanidade na solução de problemas militares fosse

decisiva para as suas vitórias; que lições semelhantes fossem retiradas do estudo crítico de nossa História Militar Terrestre, rica de quase cinco séculos, como me referi.

Avançando nossas pesquisas e reflexões, concluímos que a História Militar, tão exaltada pelos grandes generais da História, era a que classifico no meu ensaio de crítica ou interpretativa. Esta, absolutamente contrária a que classifico de descritiva, ou a senda enganosa, que não conduz ao aprendizado profissional militar, particularmente no campo mais nobre e fascinante o da Arte da Guerra ou Arte do Soldado.

A História descritiva foi condenada por Frederico, O Grande, mais ou menos assim, ao orientar o professor de História Militar de seu filho: "Não ensine História Militar a meu filho fazendo-o repetí-la como papagaio. Mas sim, fazendo-o raciocinar e dela tirar conclusões e lições para o futuro."

Ainda alcancei a História assim ensinada, sob forma de textos e de datas decoradas. Segundo concluí de Pedro Calmon, em abertura recente que fez de Curso de Mestrado de História no Museu Histórico Nacional, foi ele, nosso mestre, um pioneiro do estudo crítico e interpretativo da História do Brasil e um dos primeiros a rebelar-se contra o ensino descritivo e memorativo. Ensino em que os melhores alunos se caracterizavam pela capacidade de decorar. Nosso ensaio em tela pretendia ter uma função alfabetizadora dos futuros Oficiais do Exército, em assuntos de História Militar, para os quais

foi dirigido. Portanto, um ensaio para principiantes e não para profissionais do estudo de História.

O trabalho restante, de aprofundamento, contávamos, ficaria a cargo dos mais capazes em se tornarem chefes, pensadores e planejadores brasileiros do Exército do futuro.

ALGUMAS FERRAMENTAS PARA EXPLORAÇÃO DA HISTÓRIA MILITAR PELOS GRANDES GENERAIS

Assim, abordamos noções de História, fontes, disciplinas auxiliares; História Militar com sentido de Doutrina Militar e de História da Ciência e da Arte de Guerra; conceitos de historiador militar; um pouco da História do Exército; fundamentos para a pesquisa e estudo crítico da História Militar (fundamentos da expressão militar, fundamentos da Arte e da Ciência Militar, conceito de Arte e Ciência Militar, Doutrina Militar, fatores de decisão militar, fator militar, princípios de guerra, manobra e elementos etc.). Enfatizamos temas focalizando o emprego histórico das forças terrestres brasileiras, desde o Descobrimento, visando à pesquisa e análise crítica. Estes para subsidiarem a formação do combatente e a doutrina do Exército com o apoio em suas experiências de cinco séculos. Aliás temas desenvolvidos em grande e exaustiva pesquisa pelo Coronel Francisco Ruas Santos e traduzido, no *Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres Brasileiras*, 1972,

editado pelo Estado-Maior do Exército.

Esse sistema relaciona as mais importantes experiências militares brasileiras vividas, as quais, se constituem, ao nosso ver, no verdadeiro laboratório da História da Doutrina do Exército. Laboratório de experiências vividas, do qual, com ferramentas adequadas, terão que ser retirados subsídios para construção do Exército do futuro, com doutrina acentuadamente genuína ou brasílica e que leve em conta as peculiaridades do Homem, da Terra e das Instituições do Brasil desde 1500. Aliás, foi o que concluímos do estudo das grandes potências ou grandes nações. Estágios de grandeza que passaram obrigatoriamente pela condição de grandes potências ou grandes nações no campo militar. E mais, que o status de grande potência ou nação é sustentado por doutrinas militares genuínas ou com elevados índices de nacionalização, e também preocupadas em formar chefes, pensadores e planejadores capazes de modificá-la para adaptá-la a novas circunstâncias, sem terem de limitar-se à absorção pura e simples de doutrinas alienígenas, elaboradas para um momento histórico.

IMPORTÂNCIA DO ESTUDO HISTÓRICO MILITAR NA FORMAÇÃO DO COMBATENTE

E foi deste ideal que ora trato, que a ele se referiram expressamente o Duque de Caxias em 1862, o Marechal Floriano Peixoto em 1895, e o historiador Barão

do Rio Branco em sua ação à frente do Itamarati. Isto para não falar nos dois grandes pensadores militares brasileiros modernos, Castello Branco, J. B. Magalhães e outros.

São pensamentos coerentes como aqueles a que Jomini se referiu na época de Napoleão: *"A pesquisa e o estudo da História Militar, acompanhados de crítica sadia, são, na realidade, a verdadeira escola da guerra"*.

Ferdinando Foch, mais tarde, do alto de sua experiência militar riquíssima e abalizada, afirmou, confirmando Jomini, o que difundiu em nosso ensaio militar: *"Para sustentar em tempo de paz o cérebro de um Exército e prepará-lo para guerra, não há livro mais fecundo em meditações do que o da História Militar"*.

O DEVER DE UM PROFISSIONAL DAS ARMAS DE UM PAÍS QUE AMA A PAZ E REPUDIA A GUERRA DE CONQUISTA

Como profissional militar de um país pacifista, que repudia a guerra de conquista, não podia deixar de preocupar-me com o destino e o futuro da minha instituição, orientado pelo seguinte pensamento: Soldado de um Exército de um país pacifista, que repudia a guerra de conquista, peço a Deus que jamais o Brasil entre em guerra. Mas, por outro lado, almejo que os profissionais do Exército não percam um só minuto em contribuir para que ele esteja sempre o mais bem preparado

possível para enfrentar a hipótese indesejável, mas tão comum na história dos povos — a guerra.

Dentro desse espírito, em nosso ensaio, procuramos oferecer também uma metodologia de pesquisa histórica, ferramenta para extrair subsídios de nossa História Militar para o progresso do Exército.

NACIONALIZAÇÃO DE EXEMPLOS DA HISTÓRIA MILITAR

No capítulo VI apresentamos uma metodologia, fusão das metodologias semelhantes de informações e pesquisa histórica. É a Metodologia de Informações que Arnold Toynbee usou com raro brilho como Chefe do Serviço Secreto da Marinha Inglesa e, até morrer, como um dos maiores, senão o maior historiador do mundo ocidental. Usou-a também Charles Boxer, historiador correspondente do IHGB e antigo membro da Inteligência Inglesa.

Nosso ensaio transcreveu a primeira Diretriz do Estado-Maior do Exército para atividades de História do Exército. Ela nos estimulou a produzir o trabalho. Como apêndices, selecionamos dois exemplos brasileiros originais, de batalhas analisadas criticamente: A batalha de Guararapes, sobre a qual havíamos produzido obra específica em 1971 e, o combate de Monte Castelo. Era um esforço de nacionalizar os exemplos de História Militar até então, em sua maioria, calcados em exemplos europeus, divorciados de nossas realidades operacionais. Abordamos, igualmente, em

apêndice, a participação histórica do Exército no progresso brasileiro, além de suas missões constitucionais, e parte do esforço editorial da BIBLIX, em assuntos de interesse militar operacional.

O nosso ensaio foi aprovado pelo Estado-Maior do Exército e mandado editar com a ressalva — “Para uso interno do Exército”, pelo Estabelecimento General Cordeiro de Farias, sob a forma de manual, com o nome do autor na lombada.

A guisa de apresentação, o Estado-Maior do Exército incluiu a seguinte nota, que substituiu a apresentação do autor.

“Este ensaio histórico-militar de autoria do Ten Cel Cláudio Moreira Bento, atualmente instrutor de História Militar da AMAN, foi considerado de interesse profissional pela Seção de Geografia e História do Estado-Maior do Exército, embora não represente necessariamente o pensamento do referido órgão. Qualquer sugestão ou observação, que implique em alterações, supressões ou acréscimos, deve ser encaminhada ao autor, diretamente, ou através de mencionada Seção”.

Brasília, DF, 1978

ESTÍMULOS E ACEITAÇÃO DO TRABALHO

O trabalho, desde então, tem orientado pesquisas de História programadas pelo EME e levadas a cabo na Escola de Comando e Estado-Maior e na Academia Militar das Agulhas Negras.

As reações têm sido positivas e estimulantes no meio militar terrestre brasileiro e, inclusive, na Comissão de História Militar do Exército de Portugal, conforme correspondência em nosso poder. Conhecemos, pelo consócio Arno Welhing, destacado professor universitário de História, que nosso ensaio interessou seus companheiros que o julgaram válido em seu meio.

Dentro de nosso propósito alfabetizador em História Militar de nossos instruendos, introduzimos o capítulo VII com o subtítulo “Onde estudar e pesquisar a História do Exército”.

Não pretendíamos então, e seria impossível mencionar tudo o que existia. E isto ficou claro em nossas palavras finais: “Sobre o ensaio apreciaríamos receber sugestões, com vistas ao seu progressivo aperfeiçoamento e atualização, particularmente no que se refere ao capítulo “Onde pesquisar e estudar a História do Exército Brasileiro”. A prudência e a honestidade me impuseram estas últimas palavras, pois fazia só oito anos que havíamos iniciado a pesquisa História. E isto quando fomos escalados funcionalmente, em 1970, para orientar o planejamento, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes e a produzir um estudo técnico militar sobre as Batalhas dos Guararapes, cumulativamente com muitas funções no Estado-Maior do IV Exército no Recife. Meu estudo técnico mereceu, então, de Câmara Cascudo, desvanecedor aval e estímulo, transcrito na con-

tra-capa do livro resultante — *As Batalhas dos Guararapes — Análise e Descrição Militar*.

Recebemos poderosos estímulos, na época, de Gilberto Freire, Pedro Calmon e José Américo, culminâncias da cultura do Brasil, no Nordeste, que nos animaram a prosseguir.

Ao elaborarmos o capítulo — Onde Estudar e Pesquisar a História do Exército, tivemos presente que eram suficientes as obras indicadas como capazes de orientar a alfabetização de nossos instruídos. Aprendendo o conteúdo do ensaio, eles teriam condições de procurar seus próprios caminhos.

Em 1978, como hoje, depois de um aprofundamento na História Militar Mundial, da qual a do Brasil é um apêndice a partir do Descobrimento, mantemos ainda a seguinte convicção:

— Na História da Doutrina Militar existem duas coisas permanentes: sua contínua mudança e o seu agente — o homem.

— O maior e melhor laboratório do desenvolvimento de uma doutrina militar é o estudo crítico das experiências de lutas vividas no passado. Assim, explorar o laboratório de experiências militares, predominantemente vitoriosas vividas pelo Brasil, em quase cinco séculos, é um imperativo de segurança e de fidelidade ao destino de grandeza que sonhamos para o nosso país.

— Que o destino de grande potência ou grande nação do Brasil tramita obrigatoriamente pela condição de potência militar, apoiada por doutrina, com significativos

índices de nacionalização fornecidos pela pesquisa e estudo crítico de sua História Militar. E este será o desafio a ser vencido pelos militares do Exército do presente e do futuro, com o concurso de historiadores civis e outros pesquisadores ligados às disciplinas auxiliares da História, principalmente com o apoio de estadistas brasileiros, sensíveis ao problema.

Finalizando, cabe aqui recordar como o grande estudioso de nosso passado militar e de seus heróis guerreiros — o historiador Barão do Rio Branco, soube transformar estes estudos em ferramentas de fortalecimento da Expressão Militar do Poder Nacional (Terrestre e Marítima) em sua época, ao propugnar para que o Exército e a Marinha atingissem níveis de operacionalidade compatíveis com o progresso do Brasil e seus compromissos internacionais. A gratidão e o reconhecimento foram expressos pelos militares no Clube Militar em homenagem que lhe prestaram, em 15 de outubro de 1911, em histórica reunião presidida pelo Marechal Hermes da Fonseca — Presidente da República, e talvez a derradeira prestação de contas de serviços relevantes ao Brasil feita pelo grande brasileiro, antes de falecer no ano seguinte, menos de quatro meses de seu discurso. Outra homenagem do Exército foi introduzir seu busto, em 1º de março de 1952, no Pavilhão de Comando da Academia Militar das Agulhas Negras, no mesmo nível dos bustos de D. João VI, o criador da Escola Militar, em 1810 e

do Duque de Caxias, o Patrono do Exército e ex-aluno mais famoso do estabelecimento, cuja espada de campanha serviu de modelo aos espadins cingidos pelos cadetes daquela Academia, desde 1932, como o próprio símbolo da Honra Militar.



O Cel. Cláudio Moreira Bento, além dos cursos da AMAN, EsAO e ECEME, possui o de Analista da EsNI e pesquisador de História das Forças Terrestres Brasileiras pelo EME. Comissões Principais: Adjunto do Estado-Maior dos IV Exército, II Exército, Estado-Maior do Exército e Assessor do DEC. Instrutor de História Militar da AMAN e ex-Comandante do 4º BE de Combate em Itajubá – MG. Adjunto da Comissão de História do Exército Brasileiro. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e congêneres de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do

Sul, Paraná, Mato Grosso, Rio de Janeiro e cidades de São Leopoldo, e Pelotas. Membro da Academia Brasileira de História e Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Serve atualmente no QG da 1ª Região Militar. Preside a Comissão de Pesquisas Básicas de História de A Defesa Nacional. Condecorações: Cavaleiro da OMM, Medalhas de Ouro, do Pacificador, da Inconfidência, Santos-Dumont e do Sesquicentenário da PMSP. Trabalhos Publicados: As Batalhas dos Guararapes, Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RGS e o manual Como Estudar e Pesquisar a História do Exército, publicado pelo EME. Participou da pesquisa, elaboração e edição das obras História da Doutrina Militar e Militar do Brasil, editadas pela AMAN em 1979-1980. Seu último trabalho – A História do Brasil através de seus Fortes – foi distribuído como brinde pela GBOEx.